

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA



MANOEL PEREIRA SOBRINHO



OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA

© Copyright 1958 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.453



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA

História baseada em uma lenda grega, escrita no século III da Era Cristã. Sofrimento, honestidade, amor, desgraça, falsidade e aventuras...

★

O' Deus, senhor que tiraste
O velho mundo da treva
Por haveres confiado
A Terra à Adão e Eva
Dá-me luz para escrever
Os Martírios de Genoveva.

A verdade é a virtude,
A mentira é ilusão;
Verdade é a luz sublime
Dos mistérios da razão
Enquanto que da mentira
Nasce a mistificação.

A honra de uma esposa
Da mulher é a bandeira;
Escudo pontegudo
E é a luz verdadeira
Que lhe retira da treva
Ainda estando em caveira.

Quem não sabe o que é honra
Porque nunca foi honrado
Não tem idéias de luz
E vive como tarado
Não respeita os santos dogmas
E morre por desgraçado.

Porem quem conhece a honra
 Merece uma saudação
 A honra é a bela palma
 Da cristã religião
 E para quem conhece ela
 Contarei esta questão.

No tempo de Constantino
 Como rei italiano,
 A desonra campeava,
 Era o mundo um desengano;
 A terra era dominada
 Pelo seu poder tirano.

Porem, em todos as épocas
 Existiu religião,
 Temor aos santos principios
 Ao Autor da criação;
 Já porque, Deus não se curva
 Ao domínio do pagão.

Lá na cidade de Gênova
 Havia o duque Campina,
 Casado com a duqueza
 Rosa Amélia Gasparina;
 Do amor desse casal
 Nasceu formosa menina.

Como o duque e a duqueza
 Não davam valor a treva
 Mesmo que fossem sujeitos
 Àquela pagã caterva;
 De acôrdo à lei mosáica
 Chamaram-na Genoveva.

Essa mimosa criança
 Deus esmerou-se em pintá-la:
 Tinha o corpo desenhado
 Por uma perfeita escala;
 E qualquer homem no mundo
 Tinha prazer em fitá-la.

Genoveva aos quinze anos
 Fazia o mundo pasmar;
 Sua beleza era tanta
 Que fazia admirar:
 Era linda como a santa
 Mais perfeita do altar.

Genoveva todo dia
 Antes de se agasalhar
 Se ajoelhava no leito
 E começava a orar
 Prás almas desprotegidas
 Isto sem ninguém mandar.

Ela todo santo dia
 Praticava a caridade
 Socorria os mais aflitos
 Matava a necessidade
 Dos imigrantes plebeus
 Que vagavam na cidade.

Então por ser filha única
 Nunca foi repreendida,
 Vivia com os seus pais
 A vida de sua vida;
 Bela como as ninfas santas
 E simples como a ermida.

Porem um dia surgiu
 Enorme revolução
 Do povo do paganismo
 Contra o povo cristão
 E o pai de Genoveva
 Também entrou na questão.

O duque porem em guerra
 Na batalha foi vencido
 Pelo conde Salazar
 Pagão duro e atrevido
 Em troca deu Genoveva
 Para o conde ser marido.

Genoveva como filha
 Da mais sublime benção
 Perante a ordem do pai
 Não apresentou questão;
 Ao conde Salazar
 Nos seis meses deu a mão.

Logo depois de casada
 De seus pais se despediu
 Chorando a separação
 Grande tristeza sentiu
 E para nobre castelo
 Com seu esposo partiu.

A margem do rio Volga
 Era o prédio situado
 Com luxuosa riqueza
 E muito bem mobiliado
 Com todas as regalias
 Para um casal ilustrado.

Genoveva ao chegar
 No castelo do marido
 Pelo povo do lugar
 O casal foi acolhido
 Ela disse a Salazar:
 Quero fazer-lhe um pedido.

Aumente todo salário
 Do pessoal do condado
 Dê liberdade aos escravos;
 E, depois de aprovado
 O pedido da condessa
 Ficou o povo animado.

Tornou dizer ao marido
 Me faça ainda outro gosto
 A este povo pacato
 Pois conheço pelo rosto
 Prá de todo povo pobre
 Diminuir o imposto.

Pedi mais que, aos desvalidos
 Ele não desamparasse;
 Remisse os atribulados,
 Aos pobres consolasse,
 Para Deus amparar ele
 Em tudo que desejasse.

Salazar lhe atendeu
 Os súditos se alegraram
 Com aquela condessinha
 E todos eles beijaram
 A mão dela em cortezia
 E a Deus por ela rogaram.

O conde com a condessa
 Vivia num mar de rosa
 Num jardim do paraíso
 Numa existência mimosa,
 Ele como compassivo
 Ela como caridosa.

Porem, a felicidade
 E' como a flor da roseira
 Como a neblina da vida
 E a desgraça é a poeira
 Que destrói as suas pétalas
 As vezes a vida inteira.

E assim um certo dia
 A França declarou guerra
 Ao domínio desse conde
 Prá tomar cidade e serra
 Ele lançou mão às armas
 Prá defender sua terra.

Expediu ordem ao condado
 E reuniu os guerreiros
 Entre todos reuniu
 Vinte e três mil cavaleiros
 Prontos para guerrilharem
 Com um milhão de estrangeiros.

Quando Genoveva ouviu
A ordem poz-se a chorar
E a bagagem do marido
Foi tratar de arrumar;
Foi um dia e uma noite
Que gastou para aprontar.

E depois de tudo pronto
A Salazar avisou
Trouxe a espada e a lança
No salão se ajoelhou
Beijou a folha de ambas
E ao marido entregou.

E disse: Querido esposo,
Deus seguirá os teus passos
Não faças coisas injustas
Mesmo em fortes embaraços
Deixe a fúria e traga o corpo
Para aquecer os meus braços.

Salazar disse: Querida,
Te consolas, meu amor,
Tua alma é meu conforto
Remédio prá minha dor
E' minha guia e poder
Do divino criador.

Até ontem fui pagão
Mas quero me retratar
Antes de ir para a guerra
Pretendo me batisar
E mandou chamar o padre
Que não tardou a chegar.

Na presença da esposa
O conde foi batisado
O pastor foi o padrinho
E o povo do condado
Acompanhando seu chefe
Todo foi abençoado.

Isso para Genoveva
Foi um prazer sem igual
Muito embora que o esposo
Fosse à batalha fatal
Porem Deus o protegia
Contra a tragédia do mal.

Rufou o tambor de guerra
Houve a ordem da partida
Toda a tropa bem formada
E pronta para a saída
O conde quasi chorando
Abraçou sua querida:

— Adeus, minha Genoveva,
Minha vida, meu amor;
Meu sonho e consolação
Jardim de mimosa flor
Meu reino, minha esperança
Meu anjinho do Senhor.

Recomendando-se à Deus,
Falou a seu intendente:
Obedeça à minha esposa
Como filho obediente;
Ela me substitui
Até eu vir novamente.

Nessa hora o sol nascia
Dando sua saudação
Iluminava a floresta
Fazendo résteas no chão
Como que prestava graças
Ao Autor da criação.

Vamos deixar Salazar
Seguindo sua jornada
Para falarmos um pouco
Em sua esposa estimada
Devido seu sentimento
Ficou de alma aterrada.

Pois ela ficou sózinha
Sofrendo a maior tortura
Pensando no seu esposo
Sofria grande amargura
Que penalisava até
A mais dura criatura.

Ela ia toda à tarde
A uma pequena ermida
Fazer prece ao Divino
Como uma esposa querida;
Sem pensar de modo algum
Que estava sendo traida.

E assim diversos dias
Fez a sua penitência
Pedindo prá seu esposo
Socorro da providência;
Sendo acusada inocente
Por um ser sem consciência.

O intendente que o conde
Fez a recomendação
Foi um monstro inconsciente
Um homem sem coração
Lucifer era mais justo
E Judas maior cristão.

Gabriel era seu nome
Da família dos ateus
Não dava crença à virtude
Desacreditava em Deus
Sómente para a desgraça
Eram todos planos seus.

Por ser sutil e perverso
O conde nunca notou
Já porisso na saída
A ele recomendou
O ser que mais adorava
E nada desconfiou.

*Ela ia toda a tarde
A uma pequena ermida
Fazer prece ao Divino
Como uma esposa querida;
Sem pensar de modo algum
Que estava sendo traida.*



Com alguns meses depois
Que o conde tinha saído
Gabriel tornou-se um deus
Só andava bem vestido
Alterou todas as ordens
Deixando o povo oprimido.

Genoveva com aquilo
Ficava prá não viver
Lhe falava porem ele
Não procurava atender
Fazia por conta própria
O que queria fazer.

Gabriel um dia achou
Que devia seduzir
Ela e logo para o quarto
Procurou se dirigir;
Nessa hora Genoveva
Fez ele dôido sair.

Chutou ele à pontapés
Escreveu para o marido
Contando o procedimento
Do intendente atrevido
Que era experiente e nobre
Mas fez papel de bandido.

Ela foi ao correio
Gabriel observou;
Depois entrou na agência
A carta dela arranjou:
Matando o pobre carteiro
Pegou a carta e rasgou.

Escreveu urgentemente
Ao conde, dizendo assim:
Excelentíssimo senhor,
Póde confiar em mim:
Depois de sua partida
A condessa deu prá ruim.

Já mandou me assassinar
Por um amante que tem
Por um triz eu escapei;
E ela disse a alguém
Que vai mandar outro amante
Lhe assassinar também...

Portanto, tome cuidado
Que ela manda lhe matar;
Não sei como uma senhora
Dum coração exemplar
Transformou-se na mulher
Mais ruim deste lugar.

Desculpe este seu criado
Intendente da nação
Acho que é meu dever
Lhe dar esta informação
Assina Gabriel Passos
E' verdade a descrição.

Ele sabia que o conde
Muito à Genoveva amava
Porem numa carta dessa
Com certeza acreditava
Já porque só dava apoio
A quem primeiro informava.

Essa carta foi ao conde
Porem muito demorou
Já porque o estafeta
Muito tempo o procurou
Porem depois de seis meses
A tal resposta chegou.

Antes, porem, da resposta
Ele prendeu a condessa
Botou-a numa prisão
Dizendo: Não endureça
Pois aqui seu belo corpo
Sairá sem a cabeça.

A prisão era chamada
A "Torre dos Malfeitores"
Aonde, por alimento,
Só havia pranto e dores
Era o fim dos seres maus,
Castigo dos pecadores.

Ela, coitada, ficou
Naquela prisão trancada
Sem amor e sem carinho
Sem um conforto de nada;
Na situação mais triste
Que para um mártir é marcada.

Por cama tinha retraços
De palhas deteoradas
Por coberta tinha o tétó
De telhas enzinabradas
Gabriel pegou as chaves
Deixava as portas trancadas.

Naquele triste despreso
Ela ali se ajoelhou
Envolvida pela treva
As duas mãos ajuntou
Contrita nos seus deveres
Para Deus assim falou:

Senhor, pelos sofrimentos
De Maria Concebida
A vossa sagrada mãe
Senhora compadecida
Aliviai meu tormento
E melhorai minha vida.

Por que, Senhor, estou presa
Nestas profundas extranhas?
O que foi que cometi?
Vos peço pelas entranhas
De Maria, mãe santíssima,
Vêde misérias tamanhas!

Nem meus pais nem meu esposo
Não sabem o meu sofrimento
Senhor, por vossa bondade,
Atendei o meu lamento
Ajudai-me, Pai bondoso
A sofrer tanto formento.

Estou grávida, como posso
Dar à luz o meu filhinho,
Nesta masmorra esquisita
No mais triste desalinho?
Sem um berço, sem comida,
Sem conforto e sem carinho!...

De que me serviu nascer
Na riqueza e me criar
Casar-me e viver feliz
Porem hoje me achar
Detida nesta masmorra
Sem ninguém me consolar?

Eu, se cometi o mal,
Foi só em fazer o bem
Honrar pai, mãe e esposo
Dar conforto a quem não tem
Hoje na dura prisão
Não me aparece ninguém!

Porem, Senhor, se mereço
Sofrer esta crueldade
Me conformo com a sina
E a Vós juro na verdade
Que se é a vossa ordem
Faça-se a vossa vontade.

Ali ficou Genoveva
Sem ninguém a visitar
Só Gabriel, miserável
Ia a ela atormentar
Dizendo: Lhe dou soltura
Se você quizer me amar.

Genoveva respondia:
 Prefiro perder a vida
 Porem, para meu esposo
 Serei fiel e polida
 Poderei morrer de fome
 Mas nunca serei fingida.

Aproximava-se o dia
 Da condessa descansar
 De magra fazia pena
 Faltava só expirar;
 Comia resto de pão
 Quando alguém queria dar.

Então, numa triste noite
 Quando a coruja piou
 O sino da negra torre
 Meia-noite repicou
 Na masmorra Genoveva
 Da criança descansou.

Ali não houve parteira
 Prá na hora lhe ajudar
 E também da criancinha
 O umbiguinho cortar
 Deitou-se no frio chão
 Sem ninguém lhe confortar.

Com duas horas depois
 Foi que ela tomou alento
 Recostada na parede
 No mais triste sofrimento
 Teve forte hemorragia
 Naquele péssimo aposento.

Depois que tomou alento
 O lindo bebê pegou
 Tremendo a voz e cansada
 Para o filhinho falou
 Nessa hora até a pedra
 Dessa masmorra chorou:

— Vem, meu querido filhinho,
 Retira-te deste chão
 Húmido, frio como a morte
 Pois meu cólo é teu colchão
 Meu beijo é teu cobertor
 Nesta maldita prisão!

Deus é senhor e juiz
 Vê nosso padecimento
 Meu e teu, querido filho,
 E póde nos dar alento
 Ele nos vale e nos tira
 Deste grande sofrimento.

Enquanto meu coração
 Dentro do peito bater
 Acharás braços maternos
 Prá com gosto te aquecer
 E não morrerás gelado
 Durante enquanto eu viver.

Leite nos seios não tenho
 Que possa te alimentar
 Porem te dou minhas lágrimas
 Para assim te confortar
 Até que a negra morte
 Venha aqui prá nos levar.

Aqui, meu querido filho,
 Ninguém virá te buscar
 Para o sagrado batismo
 E tens então que esperar
 A vontade do Supremo
 Que nos venha auxiliar.

Deus, meu senhor e juiz,
 Olhai esta penitente
 Nesta masmorra esquisita
 Tirai-me deste ambiente
 Não por mim, querido Pai,
 Mas, por meu filho inocente.

E a vós, Pai sacrossanto,
 Peço vossa permissão
 Para batisar meu filho
 Nesta tremenda prisão
 Com as lágrimas dos meus olhos
 Para não morrer pagão.

Tirou três gotas de lágrimas
 Na criancinha pingou
 Pingou mai três na boquinha
 E na testa três botou
 Pois cada lágrima era um mês
 Que no seu ventre passou.

Depois em nome de Deus
 O olhou com ar de riso
 Dizendo: Querido filho,
 Por Iremar te batizo
 Prá minha consolação
 De tua bênção preciso.

Depois que o batizou
 Nos braços o aqueceu
 Botou a primeira bênção
 Materno beijo lhe deu
 Recostada na parede
 Com o filho adormeceu.

E assim, vinte e três dias
 Ao filho acariciava
 Comia mais ele o pão
 Que um ou outro levava
 Com pequeno cópo d'água
 E a Deus se recomendava.

Num dos dias Gabriel
 Entrou na dita prisão
 Disse a ela: Genoveva,
 E' chegada a ocasião
 De você me pertencer
 E me dar seu coração.

Num dos dias Gabriel
 Entrou na dita prisão
 Disse a ela: Genoveva,
 E' chegada a ocasião
 De você me pertencer
 E me dar seu coração.



Si você disser que não
 Eu mando lhe degolar!
 Ela disse: Gabriel,
 Morrerei sem te aceitar
 Só se fôr depois de morta
 Que queiras me violar!

Tendo este desengano
 Viu ele o plano perdido
 Foi saindo assim dizendo;
 Com um furor desmedido:
 Mando já te degolar
 Não verás mais teu marido!...

Ficou a pobre condessa
 Naquela prisão escura
 No mais triste desamparo
 Nas garras da amargura;
 Era um corpo quando pede
 A lage da sepultura.

Quando bateu meia-noite
 Pressentiu que alguém falava
 Na clareira dum esgoto
 Viu alguém que lhe chamava
 Mas era uma voz tão baixa
 Que bem pouco ela escutava.

Quem é que aí me chama?
 Genoveva perguntou:
 — E' com Berta, a penitente
 A voz assim lhe falou,
 Certa vez numa sarjeta
 Vossa alteza me salvou.

Senhora, o vosso intendente
 Lhe deu a condenação
 A fôrça e, então porisso
 Venho dar-lhe explicação:
 O vosso esposo é quem manda
 Fazer a execução.

O conde crê que a senhora
 Hoje é mulher desonrada
 Razão porque Gabriel
 Vai matá-la degolada
 E como de tudo eu sei
 Lhe conto toda "embrulhada".

Genoveva disse: Berta,
 Você é muito fiel
 Dentro de poucos minutos
 Me traga tinta e papel
 Eu escrevo a meu marido
 Os feitos de Gabriel.

Berta lhe trouxe o papel
 Para provar seu conceito
 E Genoveva escreveu
 Ao esposo com respeito
 O seu atroz sofrimento
 Mais ou menos deste jeito:

— Meu querido Salazar,
 Sei que terás brevemente
 Notícia do que se deu
 Comigo e o intendente
 Também fique na certeza
 Que eu morri mas, inocente.

A minha vida é caótica
 Em prisão sofrendo só
 Com nosso filho Iremar
 Entre uma e outra mó;
 Te aviso que ao voltares
 Meu corpo estará em pó.

Irei para o céu empíreo
 E lá direi ao Divino
 Que vivi numa prisão
 Posta por um assassino
 Mas perdô a injustiça
 Era meu pobre destino.

Confesso a ti e a Deus
 Que morrerei inocente
 E não sei do que se trata
 Mas te amo eternamente;
 Perdôo a tua sentença
 Também do teu intendente.

Mataram a mim e meu filho
 O fruto do nosso amor;
 Ele inocente, não sabe
 Por que sofrerá a dor
 Gabriel, teu intendente
 E' perverso e causador.

De modo algum posso erer
 Que sejas ingrato assim;
 Te tenho como uma flor
 Das que tem no meu jardim
 E como belo e tão simples
 Poderias dar-me fim?

Somente o teu intendente
 Me faria esta desgraça
 Porem a ele perdôas
 Que tudo na vida passa;
 E' o mundo um val-de-lágrimas
 E a vida uma carcaça.

Deus que é senhor da luz
 Te dá absolvição
 Desta falta involuntária
 Que fizeste sem razão
 Mas para o teu intendente
 Eu imploro o teu perdão.

Não mates a Gabriel
 Perdôa esse desgraçado
 Que não sabe o que é amor
 E pelo Cão foi tentado
 Por de mim nada obter
 Fez meu corpo condenado.

Tambem perdôa os carrascos
 Que mandaste me matar
 Te recorda do amor
 Que te dei, sem hesitar
 Faça-me os últimos pedidos
 Para Deus te compensar.

E Berta, a pobre mulher
 Que se fez compadecida
 De minha última desgraça
 Na estrada desta vida
 Te peço que a ela dê
 Conforto, veste e comida.

E... adeus, querido esposo,
 Até a mansão sagrada
 No jardim do infinito
 Por ti serei abraçada
 Que Genoveva seguiu
 Para a eterna morada!...

Fechou a carta e depois
 Para Berta disse assim:
 Só entregue a Salazar
 E tome este trancelim
 Em paga de tanto pranto
 Que derramaste por mim!

Só entregue a meu esposo
 E se ele recusar
 Receber esta cartinha
 Você procure guardar;
 Entregue a ele no dia
 Que ele lh'a procurar.

Berta recebeu a carta
 Dez minutos se passaram
 Do portão da negra torre
 Dois homens se aproximaram
 Abriram a porta e sem mais
 Prá o recinto dela entraram.

Um falou prá Genoveva:
 Conversa aqui não convem;
 Vamos, a hora é chegada
 De morrer com mais alguém
 Para a desgraça dos dois
 Leve seu filho também.

Genoveva sem demora
 Seguiu o amargo trilho
 Sem mostrar constrangimento
 E sem achar impecilho
 Acompanhou os dois homens
 Abraçada com seu filho.

Ela, ao sair do portão,
 Viu um cão policial
 Acompanhá-la mais ela
 Não o tinha por rival
 Seguiu com os dois jagunços
 Ao seu próprio funeral.

Passaram um subterrâneo
 Em uma pequena estrada
 Depois apagou-se a luz
 Ali não se via nada
 Chegaram enfim no lugar
 Dela ser martirizada.

A lua já se escondia
 O nevoeiro baixava
 Nem brisa naquele bosque
 Nenhuma estrela brilhava
 Daí a poucos momentos
 A "avó da lua" cantava.

No pé de triste montanha
 Disseram prá Genoveva:
 Te ajoelhas prá morrer
 E se despeça da treva
 Sobes junto com teu filho
 De nada saudade leva!

Os nomes desses jagunços
 Eram: Euzébio e Simão;
 Alto um disse para o outro:
 Tome a criança da mão
 Pró matar ela primeiro
 Foi a ordem do patrão.

Genoveva ouvindo isto
 Com o filhinho se apegou
 Mas Euzébio furioso
 Dos braços dela o tirou;
 Ela chorando coitada
 Mas de nada adiantou.

Porem Deus, o sêr sublime,
 Rei dos reis e Pai dos pais,
 Quando manda seu poder
 Com as ordens divinais
 Mostra ação miraculosa
 Até pelos animais.

Ali com os dois sequazes
 Estava o cão do condado
 Assistindo a triste cena
 E por Deus sendo tocado
 Jogou-se contra Euzébio
 E matou-o estrangulado.

Na luta Iremar caiu
 Genoveva o apanhou
 Simão se meteu na luta
 Mas de nada adiantou
 Dentro de poucos instantes
 O cachorro o degolou...

Estando os dois cabras mortos
 Esse cão se aproximou
 De Genoveva e latiu
 Ela o acariciou;
 Ele beijando a criança
 Junto a ela se deitou.

Genoveva vendo os mortos
 Fez a recomendação
 Das almas deles a Deus
 E acompanhou o cão
 Para o sopé da montanha
 Com a criança na mão.

Adiante numa furna
 Entrou, a nada temeu
 Na tarde do outro dia
 O cão na furna morreu;
 Deixando ela sómente
 Com Iremar, filho seu.

Ela chorou coitadinha
 Que fazia piedade
 Naquela mata deserta
 Muito longe da cidade
 Vendo seu filho inocente
 A sofrer necessidade.

Tirava raiz de pau
 E muito bem mastigava
 Punha na boca do filho
 Com isto o alimentava
 Bebiam agua na serra
 Enquanto o tempo passava.

Havia ali bela fonte
 À sombra da serra
 Apareceu uma corça
 Que lhe criou simpatia
 Era mansa e dava leite
 Como cabra que se cria.

A corça ficou com ela
 Nessa caverna morando;
 Genoveva começou
 A seu filho alimentando
 No leite dessa amiguinha
 E assim iam passando,

Na luta Iremar caiu
 Genoveva o apanhou
 Simão se meteu na luta
 Mas de nada adiantou
 Dentro de poucos instantes
 O cachorro o degolou...



Os corpos dos malfeitores
Os corvos logo comeram
E até os esqueletos
Dali desapareceram;
Não ficou sinal algum
Os trapos apodreceram.

Vamos deixar Genoveva
Sofrendo sem ter igualha
Falamos em Gabriel,
O intendente canalha
E no conde Salazar
Quando voltou da batalha.

Salazar nessa batalha
Saiu bem vitorioso
Ao voltar encontrou
O intendente orgulhoso
Como dono do condado
Se julgando poderoso.

O conde entrou no palácio
Veio o cabra se explicar
O que fez de Genoveva
Ele nem quiz escutar
Berta na hora chegou
E a carta foi entregar.

Disse: Conde, meu senhor,
A vossa esposa deixou
Esta carta em minha mão
Então me recomendou
E na hora entregou.
Dêsse à vossa senhoria.

Salazar abriu a carta
Quando leu todo papel
Virou um leão danado
Prendeu logo Gabriel;
Ele na taca gritou:
Sua esposa era fiel!

Patrão, disse o miseravel,
Por ela me apaixonei
E para ficar com ela
De módo algum arranjei
Levantei-lhe aquele falso
E com isso me vinguei.

O senhor acreditou-me
Me mandou a decisão
Para matá-la eu peguei
O Euzébio e o Simão
Mataram ela com filho
Findando toda questão.

Eles foram e não voltaram
Mais depois eu procurei-os
Nas matas e na montanha
De modo algum encontrei-os
Com certeza foram embora
Prá não sofrerem aperreios.

O conde disse: Bandido,
Eu mesmo vou te matar
Logo puxou da espada
Prá ver a "pena voar"
Mas lembrou-se que a mulher
Pediú prá lhe perdoar.

O conde não o matou
Porem não deu o perdão
Botou ele encarcerado
Naquela mesma prisão
Onde sofreu Genoveva
Até a condenação.

O conde até sete anos
Não pôde se conformar
Com a morte da esposa
Sem mal algum praticar;
Certo dia planejou
Ir pelo mato caçar.

Na montanha do deserto
Com caçadores entrou;
Nos três dias da caçada
Num grutilhão avistou
Uma corça amamentando
Um menino que pulou.

Viu também a Genoveva
Porem não reconheceu
Pareceu mas, ele disse:
Há tempos ela morreu
Só se é a sua alma
Querendo falar com eu.

Ele um pouco cabisbaixo
Da mulher se aproximou;
Iremar correndo tudo
Muito assombrado ficou;
Genoveva o conheceu
Quasi nua se ocultou.

Disse o conde: Si é gente
Aqui fale com cristão!
Ela disse: Eu te conheço
Vivemos em união
E este é nosso filhinho,
Acorde do coração.

Disse o conde: Minha esposa,
Perdôa este desgraçado!
Ela disse: Há muito tempo
Que já te fiz perdoado
Vê três vezes para crer
Si não quer ser enganado.

Ele tudo interrogando,
Ela bem calma narrou
Do modo que Gabriel
A ela sentenciou
E como o cão do condado
Aos dois jagunços matou.

Como dera à luz o filho
Naquela triste prisão
E como escreveu a carta
Dava toda explicação
A consciencia do conde
Lhe cortava o coração.

Nisso o menino correu
E com a mãe se abraçou
Salazar agarrou ele
No corpo todo beijou
Conheceu que Deus ali
Grande milagre operou.

Chamando seus companheiros
Levou corça, esposa e filho
E no seu rico condado
Não encontrou impecilho;
Com dois dias Genoveva
De novo tomou seu brilho.

O monstro lá na prisão
Soube do que aconteceu
Teve agonia tão grande
Que o coração lhe tremeu
Poz na guela uma corrente
Enforcado ali morreu.

Porem a santa condessa
Mandou logo o sepultar
Com as honras necessárias
E depois mandou rezar
Uma missa prá sua alma
Para Deus o perdoar.

Ficou ela no condado
Praticando a caridade
Medicava os doentes
Amparava a orfandade
Todos dali a chamavam
A filha da santidade.

Poz a corça no jardim
E retratou-se a seu lado
Com seu filhinho e marido;
Berta narrando o tratado;
Para todo dia ter
Recordação do passado.

Enquanto viveu na terra
Sua bondade foi tanta
Que das árvores conjugais
Foi ela a mais pura planta;
Morreu com cento e dez anos
Gozando nome de santa.

Mesmo assim toda mulher
Amante da lealdade
Nada teme embora sofra
Ódio da humanidade
Embora depois no fim
Lhe chegue a felicidade.

Porisso é bom a mulher
Escolher um bom marido
Reconhecer seu lugar
E não fazê-lo traído
Imprima o seu bom critério
Resistindo o adultério
Acha caminho florido.

*

7246 variante



LIVRO UTILÍSSIMO ÀS JOVENS. VENÇA SUAS
DÚVIDAS E PROBLEMAS ÍNTIMOS COM A
ORIENTAÇÃO DÊSTE PRECIOSO VOLUME



PEDIDOS À EDITORA PRELÚDIO LIMITADA
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374 — SÃO PAULO